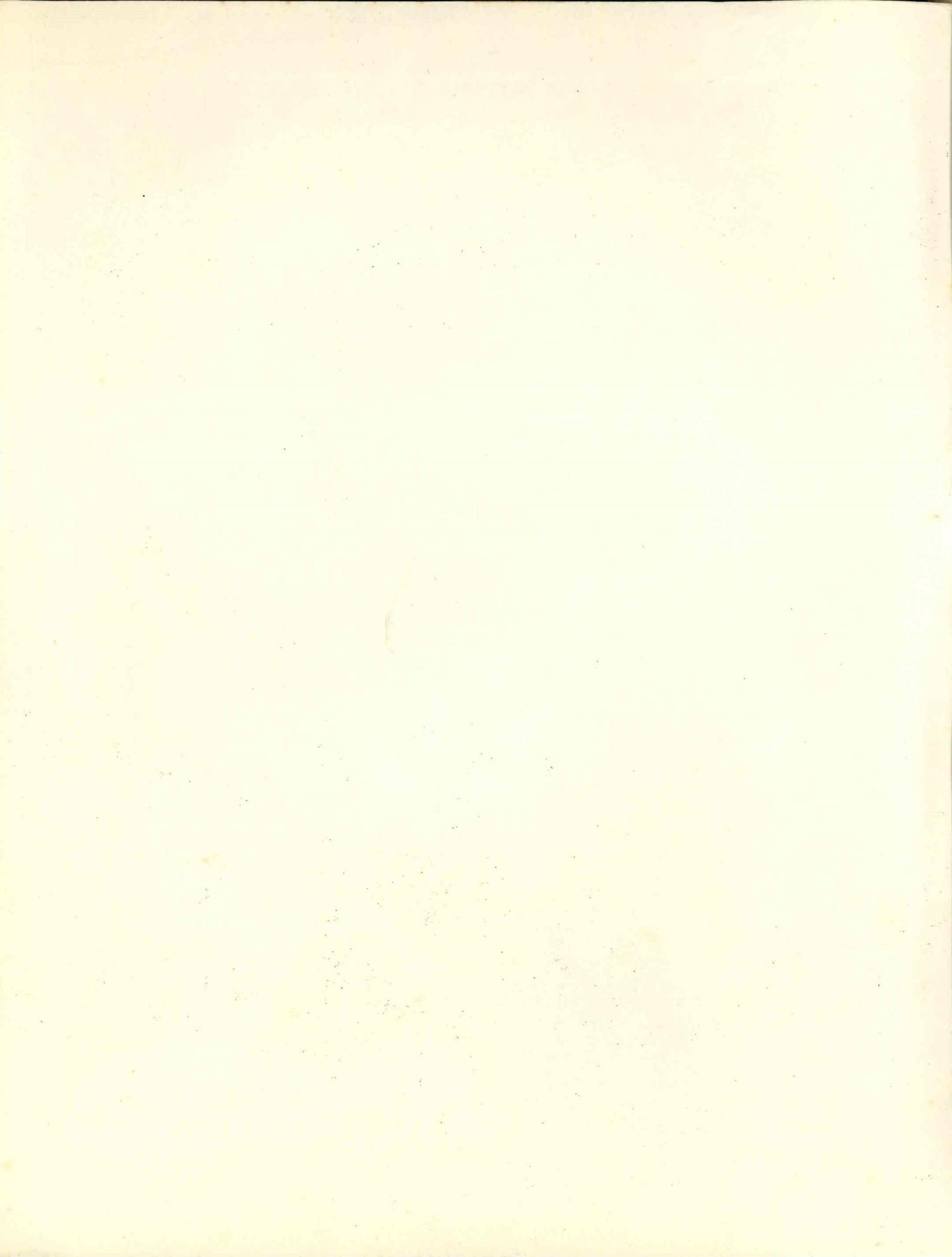


MURALHA



REVISTA
DO
LICEU
DE
BARCELLOS



MURALHA

REVISTA DO LICEU DE BARCELOS

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

JUNHO DE 1973

N.º 4

Director: Vítor Manuel Silva (7.º ano)
Chefe de Redacção: Edgar Coelho (7.º ano)
Redactores: José A. Pereira (7.º ano)
 Júlio Magalhães (6.º ano)
 Rosa Costa (6.º ano)
 Rosa Augusta (6.º ano)
Administração: Augusto Pereira (6.º ano)
 Sérgio Andrade (6.º ano)
 Teresa Rodrigues (6.º ano)
 Maria José Vidal (6.º ano)
Editor: Lino de Miranda (Dr.)

Preço por número e exemplar — 12\$50

MUNICIPIO DE BARCELOS
BIBLIOTECA

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
LICEU DE BARCELOS**

||| **COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Companhia Editora do Minho — BARCELOS**

SUMÁRIO

Colaboraram neste número os professores do Liceu

DRS: — ÂNGELO AIRES — Editorial (Liceu de Barcelos)	3
— LINO DE MIRANDA — Documentos	5
— Um Trabalho Progressivo	13

E os alunos

— SÉRGIO ANDRADE — Posição de Platão e Aristóteles perante a Democracia Ateniense	8
— ROSA MARIA LIMA — Curiosidade Histórica e Geográfica	10
— ROSA AUGUSTA — A Morte de Patrícia.	11
— ERNESTINO SACRAMENTO — Poesia	12
— EDUARDO FARIA — Poesia	12
— MÁRIO AZEVEDO — Poesia	12
— CÉSAR MONTEVERDE — Noite de Teatro.	14
— ANTÓNIO CUNHA — O Crescimento Capitalista e a Configuração do Liberalismo Europeu	17
— FILOMENA VINAGRE — Um Conto de Eça de Queirós	21
— OLINDA RIBEIRO — Um Conto de Eça de Queirós	23
— LUÍSA MARIA — Um Conto de Eça de Queirós.	25
— CÉSAR MONTEVERDE — Directamente de...	27
— ROSA COSTA — Um Ideal	28

● Capa de TERESA PEDRAS

EDITORIAL

LICEU NACIONAL DE BARCELOS

No ano lectivo de 1966/67, foi criada, em Barcelos, uma Secção Mista do Liceu Nacional de Sá de Miranda, para uma população escolar de cerca de 50 alunos, tendo a referida secção ficado instalada num velho palacete, em Barcelinhos, no qual foram feitas as julgadas necessárias adaptações.

No ano imediato, o número de alunos quase duplica, e, em 1968/69, a população escolar passa para 331 alunos, 140 do liceu e 191 do ciclo preparatório, que então se iniciava, e que obrigou à construção na cerca do liceu de 5 pavilhões pré-fabricados, uma vez que as salas disponíveis, dentro do edifício, não chegavam.

O aumento da população escolar acentuou-se com particular incidência no que diz respeito ao ciclo preparatório, e, no ano de 1969/70, passa-se para 577 alunos (140 do liceu e 437 do ciclo), número que obriga, de novo, à implantação de mais 5 pavilhões pré-fabricados, que ocuparam toda a área livre disponível, tendo-se, na emergência, conseguido mais um talhão de terreno, para a instalação de recreios e campo de jogos.

A explosão escolar continua e, em 1970/71, o número de alunos passa para 811, dos quais 232 são do liceu e 579 do ciclo. Tal número de alunos obriga a deslocar da sede todas as turmas do primeiro ano do ciclo preparatório (328 alunos) para novos pavilhões implantados nos terrenos onde se iniciavam as obras da construção do edifício próprio destinado à escola preparatória Gonçalo Nunes, que continuava, entretanto ligada ao liceu. Neste mesmo ano, criava-se, na secção liceal, o 3.º ciclo, o que obriga à ocupação total de todas as salas do edifício com a montagem dos laboratórios de Ciências Naturais, de Física e de Química.

O ano lectivo seguinte (71/72), trouxe, o desligar definitivo da escola preparatória, que passou a funcionar totalmente independente do liceu, e, com tal saída houve um certo desafogo de movimentos, pois que os pavilhões até então ocupados pelos alunos do ciclo passaram-no a ser pelos alunos da secção que eram já 349, incluindo, pela 1.^a vez alunos do 7.^o ano.

No presente ano lectivo, entra em funcionamento o nóvel Liceu Nacional de Barcelos, inteiramente autónomo e independente já do Liceu Sá de Miranda, com uma população escolar de cerca de 500 alunos. O problema da sua instalação levou-nos à criação de turmas itinerantes (turmas que se deslocam para as salas vagas pelo facto de, por exemplo, a turma nessa sala instalada, se deslocar para o ginásio).

Atente-se que, em apenas sete anos, se passou de cerca de 50 alunos para 500!!!

Numa visão, a curto prazo, afigura-se-nos que, já para o próximo ano, mesmo em regime de desdobramento, sérias dificuldades de alojamento se levantarão, pois a explosão escolar é, na verdade, um facto real!

As actuais instalações impróprias desde o início, não permitem mais improvisações, até por que todas as dependências estão já ocupadas e, acrescente-se que em muito más condições a maioria delas.

Barcelos merece que se pense a sério e desde já, na construção de um edifício para o seu liceu, pois não se pode improvisar para além de um certo limite, sob a pena de se defraudar toda uma juventude consciente das suas necessidades e direitos.

Da secção liceal, montada para cerca de 50 alunos, passou-se para um Liceu Nacional, com, actualmente, cerca de meio milhar de alunos e, se se atentar, sem exagero de espécie alguma, que, dentro de dois anos, essa população escolar rondará os 900 alunos, ter-se-á como mais do que necessária a construção de um edifício próprio. Exige-o a população escolar de Barcelos, exige-o a perfeita consciência que sua excelência o Senhor Ministro da Educação Nacional tem, do magno problema das instalações escolares, como o bem demonstram a inauguração já em Outubro próximo, do edifício da Escola Preparatória Gonçalo Nunes, e a recente adjudicação das obras de construção da nova Escola Técnica de Barcelos, a inaugurar dentro de cerca de dois anos!

Barcelos necessita de um LICEU... e merece-o.

ÂNGELO AIRES

DOCUMENTOS

- I — Conclusões do Colóquio sobre o Ensino do Latim.
II — Finalidades do Ensino do Latim e do Grego

I. Conclusões do «Colóquio sobre o Ensino do Latim», realizado na Universidade de Coimbra, de 17 a 19 de Maio

Considerando que o Latim é uma língua eminentemente formativa, base da cultura Europeia e integradora dos seus valores, e que a essas qualidades alia a sua formação de:

- a) — disciplinar o espírito;
- b) — desenvolver o poder de abstracção;
- c) — criar uma consciência crítica dos problemas do homem;
- d) — contribuir para o perfeito domínio do Português e ser útil para o aprendizado de outros idiomas modernos;
- e) — facultar o acesso à documentação de que tem de estruturar-se o estudo da História, das Ciências, do Direito e da Filosofia, os participantes do Colóquio entendem que devem ser tomadas as seguintes medidas relativamente ao ensino do Latim:

1. Obrigatoriedade no curso complementar dos Liceus, para todos os alunos que se destinem às

Faculdades de Letras e de Direito e às Escolas Normais Superiores.

2. Criação de condições que permitam o seu alargamento ao curso geral, designadamente, como medida imediata, de uma introdução à cultura clássica nesse grau de ensino.
3. Remodelação urgente dos programas, dos manuais, dicionários e outros instrumentos didácticos de acordo com as novas orientações da linguística e da pedagogia.
4. Extensão ao ensino liceal da prática da pronúncia restaurada.
5. Os participantes do Colóquio entendem ainda que o Grego deve manter-se obrigatório, no curso complementar dos liceus, para os alunos que se destinam a Filologia Clássica, Filologia Românica e Filosofia, e figurar entre as opções para os demais cursos.

II. Finalidades do Ensino do Latim e do Grego

Associação Alemã dos Classicistas
(Deutscher Altphilologenverband)

I

A sociedade dá à escola a incumbência de desenvolver nos jovens capacidades, que lhes tornem possível uma vida auto-determinada e responsável. Aprender, designadamente aprender no ensino, deve fornecer os alicerces da possibilidade de julgar e despertar a capacidade de decisão e de acção.

O contacto crítico com uma língua, que é fomentado pelo trato comparativo com diversas línguas, serve a estes fins. Porquanto o aprendizado de cada língua estrangeira alarga a competência linguística; a reflexão sobre ela e a interpretação do pensamento que nela se formou aprofundam a compreensão do mundo e capacidade de julgar. Desse modo se criam os pressupostos para uma acção racionalmente fundamentada.

O Latim e o Grego possuem, para este processo de aprendizado, devido à sua estrutura linguística e devido à qualidade da forma e conteúdo dos seus documentos literários, uma adequação didáctica da melhor qualidade.

O ensino de cada uma destas línguas

- é uma escola de saber falar e pensar e desenvolve a capacidade de expressão e interpretação,
- abre caminhos para importantes domínios do mundo espiritual e social,
- desperta a consciência histórica e facilita a orientação na actualidade,

— possibilita o incremento do pensamento autónomo criador e assim contribui para o desabrochar das forças próprias ao homem.

II

O ensino visa estes fins, valorizando, através da interpretação, reservas já preparadas pelos Gregos e Romanos, em forma linguística que se pode dominar, para questões e tentativas de solução, e tornando-as didacticamente frutuosas. Por tal meio, confronta os jovens com experiências e modelos de pensamento dos Gregos e Romanos, força a uma distância crítica dos hábitos de pensamento e expressão próprios ou condicionados pela época e ambiente, e obriga a tomar uma posição. Oferece um processo metodológico, para apreender, ordenar e explicar os conteúdos objectivos expressos pela palavra, e assim desenvolver padrões para um juízo e acção proporcionados.

Este domínio do trabalho escolar faculta assim, de um modo específico e não substituível, o seu contributo para a auto-realização do homem no quadro das possibilidades individuais e das oportunidades sociais e pode assim, com base na sua força motivadora, precisamente num tipo de formação que serve as necessidades do nosso tempo, aspirar a um lugar sólido.

III

No centro de uma formação humanística assim compreendida, está o trabalho da língua. A língua não é somente um meio

de comunicação verbal directo, mas também, como sistema de abstracções, um instrumento de apreensão e explicação do mundo. O aprendizado de uma língua estrangeira significa que com isso se ganha um novo ponto de apoio para o alargamento e correcção da visão do mundo que até então se tinha.

O Latim e o Grego oferecem, por um lado, as vantagens especiais da limitação no tempo e da distância; por outro lado, os seus elementos estão presentes, em parte no domínio linguístico europeu, em parte na linguagem científica internacional, e continuam a ser produtivos. Numa repartição inteligente de atribuições com o ensino das línguas modernas, o ensino do Latim e do Grego possibilita, com base na morfosintaxe especialmente diferenciada destas línguas, o entendimento das estruturas básicas da linguística. Por isso, o aprendizado destas línguas, em cada fase, incita a uma frutuosa reflexão sobre a linguagem e conduz à consciência da língua e atitude crítica da expressão. Os esforços metodológicos que para tal se exigem formam o jovem na observação e análise de fenómenos linguísticos de toda a espécie e criam uma disposição favorável para o aprendizado de línguas estrangeiras sobretudo.

A Língua Latina distingue-se pela clareza e regularidade da sua estrutura e pela economia dos seus meios, que força à análise intensiva da expressão e sua forma. Através da sua maneira de se exprimir predominantemente concreta, alcança um pensar e comportamento linguístico próximo do real.

A Língua Grega possui, em consequência da sua grande riqueza formal e tesouro lexicográfico, possibilidades de expressão particularmente flexíveis, ao mesmo tempo que uma importante capacidade de abstracção. A sua força criadora, que lhe possibilita representar com exactidão uma pluralidade de coisas, educa para um pensamento e comportamento linguístico diferencial.

IV

A leitura interpretativa de textos importantes confronta o leitor hodierno com as experiências do mundo e da vida de Gregos e Romanos.

Em especial trata-se de

- experiências e ideias histórico-políticas e sociais,
- problemas e conhecimentos científicos,
- especulações, sistemas e métodos filosóficos,
- explicações poéticas de situações humanas.

Ao trabalhar com os textos, apresenta-se visível aos olhos dos alunos uma pluralidade de questões fundamentais da existência humana. Uma confrontação dessa espécie torna-os conscientes de tais problemas e provoca uma análise das soluções propostas; daí podem partir frutuosa impulsos de acção.

Além disso, o ensino da literatura em consequência da unidade indestrutível de expressão — intenção e da forma linguístico-literária, é sempre, ao mesmo tempo, ensino da língua; essa unidade só se obtém pelo trabalho com textos originais. A leitura de textos originais pode ser completada com traduções, mas não substituída por elas. Para ilustração do mundo do pensamento e da força de realização dos Gregos e Romanos serão também incluídas na interpretação obras das Belas Artes.

Finalmente, a experiência adquirida da vasta influência das línguas antigas e suas conquistas culturais, que actua até ao presente, contribui para o reconhecimento da continuidade histórica e das transformações espirituais.

Hannover, 2-10-70.

(Tradução da Ex.^{ma} Doutora D. Maria Helena da Rocha Pereira).

Posição de Platão e Aristóteles perante a Democracia Ateniense

Tanto Platão como Aristóteles tomam uma Posição adversa perante a Democracia Ateniense. Nesta ofensiva contra as instituições e a força da Democracia, Platão e Aristóteles embora utilizando diferentes caminhos e ideologias, tentaram atingi-las no plano da sua significação social

A Posição de Platão:

Platão admite uma única forma justa de governo que é a *Aristocracia*, ou governo dos melhores. Esses melhores serão um conjunto de: conceito de vida desligado de individualidade, inspirado por um ideal de vivacidade física e sabedoria filosófica.

Assim, para Platão todas as outras formas de governo que não fossem a *Aristocracia* seriam a base de cidades injustas e degeneradas (refiro-me aqui a cidades e não a países porque foi na Grécia que nasceu a *Democracia*, mais propriamente em Atenas, que, como as outras cidades gregas, era autónoma e independente; daí serem chamadas cidades-estados). E essas formas de governo injustas e degeneradas eram, segundo Platão, as seguintes: A *Timocracia*, a *oligarquia*, a *Democracia* e a *Tiranía*.

Mas como entre coisas más há umas menos más que outras, Platão procurou distribuir essas constituições hierarquicamente, fazendo corresponder a ordem acima indicada a uma ordem crescente de injustiça e afirmando que cada forma de governo era o resultado directo da corrupção da anterior.

Assim a *Timocracia* seria o resultado directo da corrupção da *Aristocracia*, devido à ambição por grandes honras e ao instinto guerreiro; a *oligarquia* seria o resultado directo da corrupção da *Timocracia* forma-se quando a riqueza se torna o objecto predominante da ambição; *democracia* e seria a consequência directa da corrupção da *oligarquia* da seguinte forma:

Na sociedade oligárquica só é possível aos grandes senhores possuidores de muitos

bens assumirem altos cargos e ocuparem lugares de relevo na sociedade. Como consequência disto surge a cidade-estado dividida praticamente em duas partes ou duas cidades, a dos ricos e a dos pobres.

Isto vai dar como consequência uma inimizade constante e um desejo mútuo de destruição por parte dos dois partidos. Platão descreve tal situação pelas seguintes palavras:

«Necessariamente tal cidade (a oligárquica não é uma mas dupla, a dos ricos e a dos pobres, que habitam o mesmo solo mas sem cessar conspiram uns contra os outros». (*República*, 551 D).

Desta luta constante surge a *democracia*; «A *Democracia* aparece quando os pobres, tendo obtido vitórias sobre os ricos, massacram uns, decretam o banimento de outros e com os restantes partilham igualmente o governo e os cargos públicos; na maior parte dos casos esses cargos são tirados à sorte». (Ob. cit., 557-A).

Assim a *democracia* não assenta em bases ideológicas válidas mas é a inevitável consequência da vitória dos pobres sobre os ricos.

Finalmente Platão define *Democracia* do seguinte modo:

«Um governo agradável, anárquico e variegado que dispensa uma espécie de igualdade tanto ao que é desigual como ao que é igual». (Ob. cit., 558-C).

— Analisemos agora a posição de Aristóteles:

Como já se disse, Aristóteles assume também uma posição antidemocrática que no entanto é consideravelmente mais moderada que a de Platão.

Aristóteles reconhece a existência de três formas de governo justas e três degeneradas que são respectivamente:

- A monarquia, a aristocracia e a república;
- A Tirania, a oligarquia e a Democracia.

Nas constituições justas o governo exercido por um (monarquia) poucos (aristocracia) ou todos (república) tem como objectivo a satisfação do interesse geral da sociedade. Pelo contrário nas constituições degeneradas são satisfeitos única e exclusivamente os interesses duma parte da sociedade.

Assim a tirania é como a monarquia governo de um só indivíduo o qual tem em fim cuidar unicamente dos seus próprios interesses.

A oligarquia que como a aristocracia é um governo de poucos mas no qual se satisfaz somente o interesse dos ricos. Finalmente temos a democracia que como a república é o governo de todos mas que satisfaz exclusivamente o interesse dos pobres.

Podemos ver esta explicação nas próprias palavras de Aristóteles:

«Há oligarquia quando os detentores da fortuna tem mão sobre o governo e democracia quando, pelo contrário, não governam os que possuem grandes bens mas os que vivem com dificuldades». (III, 9-1279 b).

Por estas considerações vemos que Aristóteles tem em conta dois critérios na classificação das constituições: o do número e o da justiça.

Mas depois de tudo qual será o ideal social de Aristóteles? Pois neste aspecto ele difere da opinião de Platão porque o seu ideal social materializava-se na sociedade burguesa e não na sociedade aristocrática. Assim a justiça Aristotélica seria o justo meio, como ele próprio afirma:

«Em todos os estados se encontram três classes de cidadãos: uma composta de homens muito ricos, outra de homens muito pobres e outra que é o meio termo entre os precedentes. Visto que correntemente se admite que o comedido e o justo meio é o que há de melhor, torna-se também manifesto que a posse em quantidade

moderada dos bens da fortuna é a melhor de todas as maneiras de possuir: é então, com efeito, que mais facilmente pode obdecer-se à razão». (Política, IV, 11-1295b).

Facilmente se observa que para Aristóteles o princípio da legalidade será a República moderada e o governo da classe média, ele mesmo diz que:

«O poder supremo pertence às massas e não à lei».

Aristóteles considera também a democracia como:

«Um exemplo de insubordinação tolerada dos escravos, das mulheres e das crianças, e a indiferença perante o modo como cada cidadão entende viver», e diz ainda que: «uma constituição desta espécie encontrará numerosos defensores, porque é mais agradável a multidão viver na desordem do que em sábia moderação». (IV, 4-1319 b).

Por fim qual será o essencial na Democracia: o número ou a condição?

Pois para Aristóteles a condição sócio-económica dos regimes políticos é essencial e o número accidental.

«O número dos que governam seja o pequeno número como nas oligarquias, seja o grande número como nas democracias, é simples acidente (...), não deve afirmar-se, como é costume de certos autores, que existe democracia simplesmente quando a soberania reside no número e oligarquia quando a autoridade suprema do Estado está nas mãos dum pequeno número de homens (...) Há democracia quando os homens pobres que nascem livres, constituindo o maior número, se encontram à frente do Estado, e oligarquia quando os homens ricos e de nascimento acima do comum, estando em maior número, governam (IV, 4-1290 A-b).

É lógico que ao referir-se à «maioria» tem em conta apenas o conjunto dos cidadãos ou homens livres. Assim vêm-se excluídos quer os escravos, quer os estrangeiros. E é isto uma visão geral dos pontos de vista dos dois grandes filósofos gregos sobre a Democracia, neste apanhado geral da questão eu limitei-me a expor e não a criticar o que fica à disposição e ao critério dos leitores.

Sérgio Andrade

Curiosidade Histórica e Geográfica

Por Rosa Maria Costa Lima

7.º Ano

Uma superfície pequena com um nome comprido

Falo do Principado de Liechtenstein que é mesmo pequenino: 158 km² de superfície para 16.000 habitantes e 68 polícias.

A Suíça a sul, a oeste a Áustria e o Reno, a leste são os seus limites.

A origem do Principado reporta-nos ao período do feudalismo quando, através dos séculos este pedacinho da Europa — que se estende por um vale belíssimo — passou por diferentes e sucessivas dominações.

Em 1719 os Liechtenstein, uma antiga e nobre família da Áustria obteve do Imperador Carlos VI um diploma de concessão das terras.

Passou assim a constituir um principado governado por uma monarquia hereditária.

Liechtenstein fez parte da Federação do Reno. Depois da Confederação Alemã. Passou depois a depender da Áustria. E por último uma Constituição estabeleceu a Dieta (poder legislativo) de 15 membros eleitos por voto universal.

As deliberações deste conselho são sempre submetidas à aprovação do príncipe, que exerce o poder executivo.

Após ter-se tornado independente da Áustria em 1918 o Principado, fez um tratado com a Suíça para o uso do franco suíço como moeda oficial.

Um ano depois novo tratado estabeleceu uma união aduaneira entre os dois países. Mais tarde a administração dos serviços telegráficos e postais foi também assumida pela Suíça.

A representação diplomática do Principado no exterior e os seus interesses estão actualmente também a cargo da Suíça.

A capital é Vaduz originou-se de «Vallis Dulcis», um antigo núcleo de colonização Romana; situada na margem direita do Reno, a sua paisagem é recortada por um castelo que se ergue imponente e majestoso, residência do príncipe de antiga estirpe que em pleno séc. xx governa o seu reino em miniatura.

O turismo está muito desenvolvido e é onde, juntamente com a indústria têxtil, a maior parte da população se ocupa.

No passado a economia dependia da agricultura, depois surgiu aos poucos a indústria ampliando-se em vários sectores.

Hoje Liechtenstein tem indústria de alimentos em conserva, produtos farmacêuticos, tecidos, instrumentos de calcular e máquinas de precisão.

Entretanto são principalmente a Suíça e a Áustria que fornecem à população os seus produtos de consumo.

O turismo e a boa renda que produz faz com que o balanço económico se equilibre a despeito das grandes importações.

Para o equilíbrio do orçamento contribui ainda a emissão de selos.

Como língua oficial têm o Alemão e o Catolicismo é a religião da maioria dos habitantes do Principado, gente dada à boa paz e que até vive sem exército.

Para quem goste dos desportos de Inverno e bons hotéis vários pontos de Oberland são atracção pelos belíssimos panoramas que os seus altos picos oferecem.

E Liechtenstein é mais ou menos isto. Visitá-lo, seria o ideal.

A Morte

Por ROSA AUGUSTA

de Patrícia

Patrícia, não era beldade, não era atraente, e nem era escultural. Era alta, morena, esquelética. Vivia só, com uma irmã de 13 anos. O marido morrera estupidamente num acidente de viação. Esse amor havia-lhe sido roubado havia já alguns anos e ao partir deixara no seu coração de amante um vazio enorme que jamais alguém podera preencher. Depois, não sei porque destino cruel, um vírus fatal se apossara ignobilmente de seu corpo carnudo e lentamente lhe devorara as entranhas reduzindo-a a um esqueleto em decomposição. Estes últimos tempos haviam sido dolorosos e horríveis. Nunca se queixava, pois parecia adivinhar que o seu martírio estava quase chegando ao fim, se bem que ninguém lho dissesse. A morte não a atormentava, pelo contrário.

A esperança num paraíso, a ideia de reencontrar-se com Libério e o desejo de acabar contudo, faziam-na sorrir calmamente. Eram nove horas da noite, dirigiu-se à sala de jantar; não quis comer, ligou o gravador e sentou-se a escutar. Quis cantar mas só sons agudos e confusos lhe saíam da garganta. Calou-se. Apoiou os braços no sofá e olhou a lareira, sonhadora melancólica, aérea, recebendo o calor das chamas que se reflectiam serenamente no seu rosto apático. As horas passavam e ela não dava por isso. Continuava a olhar, fixa e penetrantemente as chamas como se tentasse transmitir-lhes todos os seus pensamentos confusos. De repente chegou-lhe ao ouvido o som distante, abafado, melodioso do campanário da aldeia. Ergueu-se de um salto, vacilou, dirigiu-se para a porta que abriu escancarando-a contra a parede. Atravessou a cozinha e o corredor numa

correria frenética, abriu a porta que dava para a rua, desceu ao patamar e... parou de repente. Olhou o céu — estava estrelado e cintilante como nunca o vira antes — cada estrela lhe parecia uma amiga, sorrindo carinhosamente como que a chamá-la para junto delas. O vento, de enregelar as veias, bateu e trespassou-lhe o corpo como música melodiosa fazendo vibrar melódica e graciosamente todos os órgãos do seu corpo como o gemido das cordas de um violino. Estendeu os braços, ergueu os cabelos ondulantes, sorriu e... sonhou.

Lentamente, deu-se conta de que estava gelada. Sorriu mais uma vez, torceu o corpo, acenou às estrelas, entrou, fechou a porta, percorreu o mesmo caminho, com passos lentos e harmoniosos, entrou na sala, olhou atenta e demoradamente tudo à sua volta, beijou na testa a irmã mandou-a para a cama, pegou num copo, bebeu *whisky* (fez uma careta) e caiu no sofá com o rosto parecendo transbordar de felicidade. A sala estava quente, mas ela continuava gelada. Insensível, ela continuava a sorrir calmamente.

Passara-se um quarto de hora. O mesmo sino e no mesmo tom dava agora a meia noite. A última badalada soava no momento em que ela e de repente apertava as mãos contra o peito, balbuciou qualquer coisa, cerrou lentamente os olhos e ficou-se para sempre, ali à meia noite. Nem sequer reparara que tinha os cabelos negros e desgrenhados cobertos por pequenas gotas de orvalho que brilhantes se desfaziam e escorriam pelas faces abaixo, acompanhadas pelos reflexos das chamas, dando àquele rosto pálido e sem vida um não sei quê de místico e irreal. Patrícia morrera.

POESIA

de Ernestino Sacramento
(1.º ano do curso geral)

1 – Solidão

Solidão é tristeza.
Solidão é como pássaro
sem companheiros,
esvoaçando no céu.
Solidão é pôr um livro velho,
cheio de pó.
Hum armário triste e vazio,
tragado por teias de aranha.

de Mário Azevedo
(1.º ano do curso geral)

1 – Alegria

Riso e lágrimas
Contraste da vida.
Dois extremos que se tocam
Quando nos rimos,
Com muita alegria.

de Mário Azevedo
(1.º ano do curso geral)

2 – A madrugada

Começo do dia
Surpresa que nasce
Trabalhador que se levanta.
Vida que começa
Na esperança
Hum novo dia que vem.

de Eduardo Faria
(1.º ano do curso geral)

1 – Noite

Noite é manto negro
Que nos obriga a pensar
No dia de ontem,
No dia que passou ontem,
No que fizemos ontem,
Pois o que fizemos nos outros dias
Já n'outras noites pensámos.

Um trabalho progressivo:

O NOSSO TEATRO

Começou em 1969, com uma peça infantil. Nos anos seguintes experimentou-se a farsa, de tradições culturais já muito mais ambiciosas. Em 1970, a Secção de Barcelos do Liceu Nacional de Sá de Miranda levou à cena, com texto fiel mas incompleto, a farsa «Quem tem farelos», de Gil Vicente. Ficou o caminho aberto para os anos seguintes. Continuando na Idade Média e na farsa, representou integralmente a «Farsa de Mestre Pathelin» na festa dos finalistas de 1971. Ano passado, a *Aululária*, de Plauto, com o texto seleccionado para os meios de que foi possível dispôr e com transposição de época. Procurou-se manter o espírito plautino, não alterando qualquer cena e procurando na língua portuguesa as correspondências para as expressões peculiares de Plauto e para o seu cómico de linguagem. Assim, por exemplo, foram substituídos os nomes das personagens caricaturais por alcunhas portuguesas julgadas correspondentes ou adequadas: Euclião por Boa-Fama, Estáfila, por Benebebes, Congrião por Lampreia, Antrax por Carborato, etc., procurando que em Português permanecessem falantes os nomes usados.

Pensou nessa altura o Liceu que ficara aberto o caminho para o teatro antigo. Depois de diversas hesitações e de medir muitas vezes as possibilidades existentes, pareceu que seria possível, com enorme espírito de sacrifício, com largo e vivificante optimismo, com muita esperança e

aquele arrojo próprio da juventude saudável, abalançar-se a uma peça de grande responsabilidade: uma tragédia grega. A tragédia grega é uma das bases da nossa cultura, fundamental para a educação humanística. Passou-se então à escolha do autor e da peça. Ésquilo parecia demasiado cedo, dada a sua dissemelhança quase absoluta de tradição teatral recente. Eurípedes, pouco paradigmático e demasiado distante de Ésquilo. O equilíbrio por excelência seria Sófocles. Ficou assente. E a peça? De acordo com as disponibilidades de gente, a *Antígona*, para que os papéis mais centrais fossem confiados às pessoas um pouco menos sobrecarregadas de obrigações escolares.

Começaram os ensaios em Janeiro. Quase ninguém tinha nunca representado. Quase ninguém sabia com suficiente clareza como se havia de fazer. Mas havia o necessário sentimento de humildade perante uma das peças mais famosas de todos os tempos, representada pela primeira vez há quase 25 séculos. Compreendia-se com profunda admiração a sua perenidade. E valeu a pena. Está o caminho aberto para outros passos. O primeiro talvez seja dar às actividades teatrais do Liceu um carácter permanente.

O Liceu fez tudo. Portanto, pode-o voltar a fazer quando quiser.

Vino de Miranda

Noite de Teatro

«Antígona» Reportagem

de

César Monteverde

O tempo tende a ser jovem — afirmam sisudos sociólogos. Mais jovens, quantitativamente, vão à escola. Estão na escola mais tempo (tendência da escolaridade europeia — 8 anos). Saem da escola mais hábeis, mais conscientes para o seu papel no mundo, mais adultos, enfim, mais preparados para a vida. Tendem a personalizar-se, a deter opções responsáveis próprias. E, desse modo, tendem a participar na vida da comunidade onde outrora eram muito novos, marginais.

Estas considerações vêm mesmo a propósito, pois, muito recentemente, os alunos do Liceu Nacional de Barcelos levaram a bom termo e com êxito assinalável a representação de «Antígona» de Sófocles. A maturidade profissional (quem não soubesse diria que estava em presença de uma verdadeira companhia profissional de actores), o nível cultural, a capacidade de trabalho, a personalidade, a consciência e o nível de exibição — teatral que estes alunos demonstraram na sua representação de «Antígona» é mais que suficiente para elucidar os pontos de vista acima referidos. Com este grupo maravilhoso de rapazes e raparigas, e, não esqueçamos os professores directamente ligados a este grupo cénico, pois são eles que nos estimulam a

prosseguir no caminho ideal e nas horas mais difíceis nos transmitem uma intensa dose de confiança, dá gosto trabalhar e lutar por causas justas. E, como num barco, o comandante precisa da ajuda de todos os marinheiros para levar a embarcação a porto seguro, também aqui se exige uma perfeita união e colaboração, e, até espírito de sacrifício para que não haja encalhes nem naufrágios. E, acontece o pleno êxito, como efectivamente sucedeu, quando as pessoas se entendem e se mostram cooperadoras, mesmo que as ideologias não sejam as mesmas, mas onde haja um chefe ou chefes que se façam entender e uns subordinados que cumpram leal e devotadamente as ordens recebidas.

Pois bem! A representação de «Antígona» teve lugar no teatro Gil Vicente que se encontrava razoavelmente emoldurado de pessoas das mais variadas classes sociais e intelectuais. O ambiente era, por um lado de expectativa e interesse pela representação de tão importante e difícil obra do teatro clássico. Por outro lado, reinava o ambiente académico próprio das festas de estudantes e o franco convívio de professores, alunos, pais e público anónimo. Enfim, tudo se conjugava para que o espectáculo resultasse em pleno e

ficasse na memória daqueles que o iam presenciar. E, efectivamente assim aconteceu, apesar dos velhos do Restelo terem profetizado coisas terríveis.

O público compareceu, como já me referi, em número bastante razoável. E, se atendermos a que estávamos em época de Cruzes, com todos os centros de interesse daí inerentes; à pouca publicidade feita, e ao desmazelô-lo de certos elementos intimamente ligados a esta representação, pois podemos dar por satisfeitos com o resultado financeiro deste espectáculo. Estes foram, sem dúvida, alguns dos factores que contribuíram para que a sala não estivesse repleta, além de outros que pela força das circunstâncias não convém referir. Ainda há um pormenor, e este, vai-se colmatando com iniciativas deste género, cada vez mais crescentes, que diz respeito à afluência do público ao teatro, especialmente ao teatro clássico e o seu interesse pelo mesmo. Mas Barcelos, ainda não é dos piores terras neste aspecto, talvez pelo precioso impulso que os alunos do liceu têm dado às obras clássicas. Claro que os gostos não se discutem mas é necessário e conveniente educar o público, e interessá-lo por certas obras indispensáveis à formação cultural do indivíduo. Contudo, ainda há pessoas que sabem o que querem e, de certa maneira, sabedores e exigentes naquilo que vão ver. Outras, coitadas, preferem ir ao circo e ver os macaquinhos (segundo certos antropologistas os antepassados dos humanos), os elefantes a meter a tromba onde não são chamados e as girls a dançar o can-can. Enfim, tudo isto é vida. Mas não pode ouvir-se mais que numa determinada cena trágica da representação algumas pessoas (três ou quatro meninas ocas da razão) começassem às gargalhadas...

Dando, agora, uma panorâmica geral da sala, podíamos ver nos lugares de honra, o Reitor e o vice-Reitor do liceu, respectivamente Dr. Ângelo Aires e Dr. Marques; o Presidente da Câmara Municipal, Dr. Ilídio Nunes de Oliveira; o vice-Presidente, Dr. Vítor Marques Júnior e Vereadores da Câmara Municipal assim como o Eng. Mário de Azevedo, sócio desta casa de espectáculos, e a quem desde já os alunos do Liceu de Barcelos muito reconhecidamente agradecem.

O programa era constituído, exclusivamente pela representação de «Antígona» de Sófocles.

Antes de se iniciar o espectáculo, o Dr. Lino de Miranda, actor e encenador desta peça, proferiu algumas palavras acerca do contexto da obra e explicou aos espectadores o que se iria passar, mais tarde, no palco.

Analisando, agora, se bem que sucintamente, os intervenientes desta peça, podemos dizer que houve uma perfeita união de todos os elementos, procurando fazer o melhor que sabiam e podiam, dando assim azo a que o espectáculo resultasse. Ouviu-se até: «para representações deste género têm sempre a casa à disposição.»

O protagonista e a verdadeira alma deste teatro foi o Dr. Lino de Miranda a quem competia desempenhar o papel do rei Creonte. Sem uma única falha, conseguiu impor-se ao público, e, da simbiose da mímica, voz e presença em palco resultou uma actuação que só os grandes actores sabem fazer. Não esqueçamos que o Dr. Lino tem sido o comandante daquele barco que eu atrás me referia ao qual tem dado toda a colaboração e ajuda. Depois de «Aululária» seguiu-se «Antígona» e já se anuncia que para o ano será «Medeia».

Portanto, e, em resumo, nota positiva para este brilhante actor que a continuar assim dispensará de exame. Depois, e, em opinião meramente pessoal, temos a destacar o papel da Teresa Rodrigues (Ismena) que se adaptou maravilhosamente a esta personagem da tragédia clássica. Distinguíram-se ainda António Cunha (Hémon) que com toda a sua energia conseguiu que o público lhe tributasse uma calorosa salva de palmas. Apenas um senão: Quer-me parecer que exagerou um pouco na altivez com que se pronunciava contra o seu pai, mas isso é próprio da sua maneira de ser; a Rosa Costa (Antígona), sem dúvida, um dos papéis mais difíceis e mais célebres de todo o teatro clássico, igualmente desempenhado com muita segurança e perfeita noção do que estava a representar. Confirmou assim as qualidades e as esperanças depositadas e é um elemento com que se pode contar para futuras representações. De uma maneira geral todos os outros elementos cumpri-

ram. Lemos (Tirésias) e Duarte (chefe dos guardas) que confirmaram as suas excelentes qualidades para representar, e mais uma vez cumpriram magnificamente a sua missão; Lico (guia do Hirésias); Isidro (Mensageiro), sem dúvida, uma revelação deste grupo de teatro e o Zé Duarte que também se saiu muito bem. Não podemos esquecer as escravas (Fátima Alves, Rosa Augusta, Amélia Ribeiro e Glória Lima) que viriam dar certa graciosidade a esta peça, e a Rosa Lima (Eurídice) com muita sensibilidade e expressão. Os guardas (Arlindo, Mário, Manuel e Jorge) também cumpriram e contribuíram para que o espectáculo resultasse. Nos bastidores merecem igualmente nota positiva a Dr.^a Ana Maria (contra-regra); a Dr.^a Benilde (guarda-roupa); o Padre Carvalho (luz e som); a Dr.^a Maria Teresa que não faltou com o apoio moral; a Rosa Ribeiro (ponto) e o Constantino que deu à luz no momento exacto. Outros elementos que foram incansáveis na montagem do cenário foram o Sr. Manuel, o Sr. Armindo e o Sr. Pereira, empregados do Liceu, que gratuitamente se prestaram a colaborar e merecem, por isso, o nosso reconhecimento. O Sr. Manuel, e já não é a primeira vez que o afirmo, possui qualidades artísticas morais que fazem dele uma pessoa respeitável e na qual os alunos vêm um exemplo.

Falta ainda referir a actuação do Coro. Muito se tem discutido sobre a personalidade do coro na tragédia grega. Schlegel proclama que o coro é o espectador ideal: é como o intérprete dos sentimentos da assistência. Para outros representa o autor que ora instiga uns, ora outros para mais

fácil desenvolvimento do drama. Recentemente Erradonea, sustentou a tese de que o coro pelo menos em Ésquilo e em Sófocles é verdadeiro actor. Já Aristóteles tinha afirmado: o coro deve conceber-se como verdadeiro actor e como verdadeiro membro do drama e ainda como operador com os actores, como sucede nas tragédias de Sófocles, e, implicitamente nesta «Antígona».

A personagem principal do coro era o Dr. Fidalgo (Corifeu) que foi também o ensaiador deste grupo de coristas (membro do coro): Edgar Coelho (2.^o solista), Vítor Silva (1.^o solista), Paulo (3.^o solista), Amorim, Augusto Pereira, Francisco, Barbosa, Gerardo, Dias, Sérgio, Custódio e Ribeiro da Silva. O Dr. Fidalgo foi impecável nas suas intervenções oportunas, aconselhando o rei Creonte e personificou o verdadeiro ancião. Nota igualmente positiva para este elemento que não deixou os seus créditos por mãos alheias. Os restantes membros do coro conseguiram-se impor e sobressair pelo contraste de vozes e dicção igualmente brilhante e clara. Estes coreutas, sem dúvida, que contribuíram grandemente para o sucesso da representação pelas teorias já atrás expostas.

E o espectáculo terminou com vivas e palmas a todos os participantes que viram assim reconhecidos os seus méritos.

O Liceu Nacional de Barcelos com esta representação escreveu mais uma brilhante página do seu «curriculum vitae» e veio demonstrar que é um centro escolar evoluído, com nível e acima de tudo onde reina a verdadeira camaradagem entre professores e alunos.

O Crescimento Capitalista e a Configuração do Liberalismo Europeu

- 1) A criação de um plataforma pré-capitalista.
- 2) A Génese do Liberalismo através das ideias económicas, sociais e políticas.
- 3) A Racionalização como factor de Desenvolvimento ordenador da vida e actividade económica.

«Com a crescente complicação da economia mercantil e monetária, mercê do aumento do tráfego marítimo e terrestre

— (*Lembremos que a Europa se abria cada vez mais num sentido de maior comercialização depois da libertação da ameaça Árabe*) —

das trocas mercantis inter-regionais, de toda a gama de operações monetárias, com as suas operações de empréstimos e letras de câmbio, tudo isto vai constituir como que uma base ou sustentação para o começo de uma desenvolvida actividade bancária...».

(*A racionalização como factor de desenvolvimento, ordenadora da vida e actividade económica*)

Vejam os e reparemos que desde início a revolução comercial vai fomentar actividades que iriam fazer com que a circulação monetária tomasse cada vez maior importância, assim como os mercadores e negociantes. Isto é que vai constituir a vida da idade moderna, assente num estado central e poderoso que podesse exercer uma acção dominadora. Isto vai criar com que se desenhe uma plataforma pré-capitalista, da qual se partiria para as condições que definirão este capitalismo.

Na linha de desenvolvimento desta plataforma pré-capitalista temos de considerar os seguintes aspectos como factores essenciais:

- a) Factor demográfico-acrécimo de população.
- b) Apogeu das gaandes cidades mercantis do Mediterrâneo. Florescimento das cidades dos Países Baixos e do Norte de França.

Para esta constante reactivação económica contribui determinantemente a acumulação de capitais, resultado na quase sua totalidade das actividades mercantis, que foram aplicados em, essencialmente 4 sectores, um dos quais subdividido. A saber:

- a) *Secção agrária* — possibilitando a expansão das áreas de cultivo com a melhroia de produção de determinadas culturas.
- b) *Sector Pecuario*.
- c) *Sector mineiro* — incrementam a exploração de vários jazigos na Saxónia, Boémia, Tirol, Litoral Cantábrico Castelhana, Inglaterra, Pirineus, Re-

giões dos Alpes, etc... Por si, este desenvolvimento de Exploração mineira vem contribuir para que outro ramo de Indústria se forme: *o da metalurgia*.

d) *Sector Industrial:*

1) *Indústria têxtil* — Surgem novos centros industriais de têxteis e com eles novos métodos e especializações. A Inglaterra começará a «*Racionalizar*» a sua indústria têxtil, o que prova que esta está em pleno desenvolvimento — Bristol, Londres e Winchester.

2) *Actividades artesanais* — ao lado da indústria.

A ideia e ânsia do «lucro» que começa a aparecer nos homens, condicionada pelas normas religiosas na Idade Média, foi além do que frizarei a seguir um facto da doutrina liberalista que virá a aparecer como descondicionamento e justificação para o homem. No entanto ao falar em lucro, agora, quero-me referir à importância que ele teve na formação da plataforma pré-capitalista. O dinheiro começou a produzir mais dinheiro. O «capital» retido a produzir mais «capital» é extremamente significativo. Aliás daqui deriva precisamente o «*capitalismo*». Aparecem, com isto, mais tarde os Banqueiros, por exemplo. No entanto uma nova economia começa a consolidar-se em torno deste dinheiro e portanto em torno dos seus possuidores: *os Burgueses*. Toda esta actividade monetária em torno de «*poucos*» vai fazer com que se gere uma concentração de poder monetário, empresas mais complexas (as grandes companhias) formando-se assim domínios económicos como o dos conhecidíssimos Pazzi e Medici em Itália.

O crescente interesse dos reis e papas nos grandes negócios dos Banqueiros e financeiros para que com os títulos de «privilegio» se tornassem a si e ao seu poder mais poderosos, e que através de uma política proteccionista vão favorecer também o desenvolvimento económico.

— A proliferação de rotas mercantis revolucionam os meios de transporte, especialmente marítimos. O desvio lento e

imperceptível do comércio do Mediterrâneo para o Atlântico. A importância crescente do *norte* e centro da Europa em relação ao *sul*. Tudo isto implica novas formas de vida económica. Os portos que se desenvolviam extraordinariamente como Lisboa, Sevilha, Cádiz, indicam uma nova orientação da vida mercantil.

Com tudo isto surge então um capitalismo inicial, na 2.^a metade do séc. xv.

A vida económica caracteriza-se agora pelos factores seguintes:

- 1 — A ambição do lucro a fomentar a actividade económica.
- 2 — Espírito de empresa.
- 3 — Racionalização de toda a vida económica.

Esta vida não é mais que um resultado da fusão de dois espíritos que no fundo explicam «per si» o fenómeno capitalista. Por um lado o espírito de empresa, de lucro, de mais dinheiro. Por outro lado, o espírito, ainda existente, medieval, da conservação da manutenção dos capitais adquiridos. É precisamente com a fusão destes espíritos que aparece o fenómeno capitalista.

Depois, com mais uma série de acontecimentos e factores económicos é consumado inteiramente o capitalismo. O que aqui frisei foi a porta de entrada para o capitalismo.

2) *A génese do liberalismo através das ideias económico sociais e políticas.*

— Pode considerar-se a génese do *Liberalismo* através das suas ideias económicas, sociais e políticas.

No final da Idade Média surge uma classe de ricos Burgueses formada pelo banqueiro, industrial e comerciante, que virão a substituir no lugar ocupado até ali pelo eclesiástico, o homem de armas e o senhor feudal. Como é de prever os primeiros procurarão um lugar capaz de lhes assegurar a manutenção dos seus bens, e por isso, lentamente, procurarão uma participação activa no domínio político.

Lentamente, também, a ciência substituirá a religião, *a razão começará por tomar um lugar cimeiro no progresso*. Os descobrimentos geográficos, as invenções técnicas, as novas formas de vida, tudo contribui para que em primeiro nasça um filosofia capaz de justificar o novo «mundo» e descondicione o novo homem e em segundo para que se tracem as suas directrizes e ideias.

O Liberalismo, como doutrina concorda e relaciona-se com a ideia de liberdade e surgirá como inimigo do direito feudal e do privilégio conferido segundo hierarquias. Será contra, na sua raiz, as pretensões de domínio religioso. No entanto isto pertence e cabe dentro da sua doutrina e esta foi modelada por aqueles que foram factores do Liberalismo e eles são a causa principal — os membros de uma sociedade, uma nova sociedade económica.

Em princípio e como instrumento para a sua formação o Liberalismo começa por mudar a intervenção política nas trocas comerciais ou de qualquer forma económicas, antes feita, pelo sistema político do «contracto», isto é, a livre troca de produtos sem intervenção política. Assim nos confirma Morazè, que frisa que os comerciantes franceses escreveram ao seu ministro Colbert, fazendo-o saber que a liberdade concedida às mercadorias e às pessoas fazia florescer o comércio e a riqueza, e disso tinham experiência os seus amigos holandeses.

Em princípio este Liberalismo começará por defender o indivíduo capaz de comprar a sua própria Liberdade e não mais ninguém. Aliás, ele apareceu precisamente, por causa desses indivíduos, no final, a essência desta sociedade não era mais do que será chamado de espírito capitalista. Este começa a surgir nos homens no final do séc. xv. O que isto vem mostrar é que o objecto principal de toda a acção humana é a riqueza. Claro que isto não caberá na Idade Média, pois os homens encontravam-se restrangidos e condicionados por uma série de dogmas religiosos e normas morais impostas pela autoridade religiosa. *Tudo isto se abate*. Começam a ser consideradas como restrições e por isso criticam-nos, comentam-nos e abandonam-nos,

pois eles só servem para criar obstáculos ao aproveitamento dos meios de produção. Assim o «utilitarismo» substituirá gradualmente o «divino» e a sua sansão. Com uma sociedade em busca de riquezas e cada vez mais de mais riqueza, para a própria satisfação do indivíduo, surge a ânsia da produção ilimitada e portanto, formar-se-ia uma sociedade anti-tradicionalista. No entanto convém frisar que a passagem da modernidade surge, não como um fenómeno de ruptura, mas como resultado de um constante e dinâmico processo de crescimento. O capitalismo não surge como simultânea negação ao passado, mas como resultado de um grande processo de crescimento medieval.

Como já frisei, esta ideia de Capitalismo, não cabia na Idade Média. Assim era preciso que este procedesse a um empreendimento de novas formas de cultura de acordo com os seus propósitos. O fim do Liberalismo será justificar tudo e remodelar tudo. Ou melhor e mais explícito: conferir à riqueza direito com um mínimo de interferência de qualquer autoridade político-social.

Ao pretender apoderar-se do estado visto este possuir o supremo poder e poder dispor dele conscientemente de acordo com os seus fins. Considera-se como coisa natural no capitalismo subordinar a economia à política. Surgirá, deste modo, o princípio do «laissez-faire». O Estado surgirá no séc. xviii como agente eficaz do capitalismo.

Toda a teoria e ética do capitalismo resume-se num esforço para libertar o possuidor dos instrumentos de produção emancipando-o de toda a obediência às regras que obstruam o seu aproveitamento cabal.

A acumulação de capital, a organização de fábricas trazem consigo uma nova escala para medir as coisas. O aparecimento de novos mercadores determinará uma nova atitude na produção. Com o aparecimento de novos mercados cresce a importância dos transportes que se multiplicam.

O progresso da contabilidade permitirá uma nova visão económica que se reflecte na capacidade para organizar a produção em escala maior.

3) *A Racionalização como factor de desenvolvimento, ordenador da vida e actividade económica.*

— Frisei que a *racionalização* e toda a gama de elementos racionais substituiriam e viriam a formar-se com e para uma melhor vida. Cheguei a dizer que a razão começará por tomar um lugar cimeiro no progresso. E realmente, isso acontece. Com a crescente complicação da economia mercantil e monetária, mercê do aumento do tráfego marítimo e terrestre (lembramos que a Europa se abria cada vez mais num sentido de maior comercialização, depois da libertação da ameaça árabe), das trocas mercantis interregionais, de toda a gama de operações monetárias, com as suas

operações de empréstimos e letras de câmbio, tudo isto vai constituir como que uma base de sustentação para o começo de uma desenvolvida actividade bancária. Assim, com toda esta complicação, tornava-se necessário a introdução de novas formas, formas essas racionais que ordenassem e por isso dessem maior agilidade a esta vida económica. A contabilidade por exemplo está entre elas.

A Inglaterra quando a sua indústria têxtil começou a crescer, racionalizou-a, isto é, introduziu nela métodos racionais. A regulamentação do trabalho do operariado é feita racionalmente. Tudo isto mostra, a introdução da razão na vida activa económica comercial ou industrial, a crescente evolução desta.

ANTÓNIO CUNHA

N. B. — A alínea 1) está integrada para explicação do ambiente da vida da época. Funciona como introdução ao trabalho. Por si o pequeno extracto da última alínea 3), introduz a primeira parte.

Um Conto de Eça de Queirós

novamente
contado

II

POR
FILOMENA VINAGRE
(1.º Ano geral)

Eça de Queirós, realista do século XIX, conta-nos nesta narrativa o nascimento da terra.

Em virtude das suas ideias ele escreve o nascimento da terra duma maneira muito própria, muito ao nível da compreensão humana, tirando-lhe o carácter espiritualista de que ele normalmente é rodeado. Adão foi criado em 28 de Outubro às duas horas da tarde. Aí começou o homem.

Desde que existia luz existia a terra, mas a partir desse momento já não era só areia, rochas, pó, velhos troncos erguidos, nem vermes vivendo em terras lamacentas; toda ela começou a completar-se para acolher o primeiro homem.

Começaram a aparecer as ervas, as flores, os peixes, as aves, as águas e tudo que a habita.

Adão nasceu duma árvore, pousou os pés no solo e partiu à descoberta de um Mundo que se apresentava belo a seus olhos.

Como todos os homens, também ele começou uma fase de adaptação e cada queda era ponto de partida para novas arrancadas e para maior enriquecimento humano. Adão habitou a floresta e quando a deixou admirou tudo quanto era belo, mas tudo era incompreensível. Esteticamente Adão era feio, o seu corpo era coberto de pelo, os joelhos eram duros, tinha a cara enrugada e tinha umas orelhas salientes.

De repente começou a sentir-se só, uma sensação de medo começou a dominar-lhe o espírito. Encontrava-se Adão apa-

vorado, quando um pássaro grande passou por ele e foi terminar a construção do seu ninho, provocando em Adão uma ânsia de compreensão, mas Adão não compreendeu. E enquanto caminha em direcção ao rio ele sente a energia a abandonar o animal nele existente e a sobrepôr-se à natureza.

E foi ao descer o mesmo rio que compreendeu a diferença existente entre ele e os outros seres; os sons, as cores, os gritos, tudo ficava gravado na sua memória.

Continuou a galgar as margens do rio com novas descobertas. Também com a máxima admiração ele vê um tronco a boiar no rio, mas ainda não era suficientemente inteligente para descobrir o que fazia o tronco boiar, no entanto a sua inteligência passiva tinha ânsia do porquê.

De repente surgiu um barulho estranho, Adão escalou as dunas e descobriu o mar. Dominado pelo medo refugiou-se atrás duns pinheiros. Era enorme o terror de ver as ondas avançar, no entanto por trás dessas ondas estendia-se uma grande mancha de água, tudo parecia calmo, tudo era maravilhosamente habitado. Do outro lado eram trombas de água e vulcões que explodiam. De repente Adão tem fome e pela primeira vez ele tem a experiência de comer.

Seguidamente correndo em direcção ao rio ele soube o que era beber.

Começou a anoitecer e uma outra necessidade imperiosa o dominou, o sono.

Ao abrir os olhos pela primeira vez ele sentiu a calma e a paz do despertar. Perante os seus olhos surgiu um ser semelhante mas esteticamente mais belo e mais dado. Juntos tentaram a sobrevivência contra uma natureza que os queria destruir.

A Terra ainda não era perfeita e a luta foi grande porque também eles assistiram à sua completa formação.

Havia animais, mas tudo era difícil pois os instrumentos ainda não existiam e a comida era difícil de encontrar. Foi assim que entre tanta abundância eles conheceram a miséria.

Havia que lutar contra as feras, havia que fugir das chuvas, dos terremotos, e tudo sem qualquer aliado.

Mas sem esta luta, sem este terror, sem a necessidade de raciocínio para se defender, tudo teria permanecido na mesma. Foi necessário que tivesse surgido uma luta entre Adão e um Urso para que ele compreendesse que podia matar e não mais passar fome.

Uma tarde, Adão descobriu uma pedra; atirando-a contra a pederneira descobre o fogo. Ele criou-o, mas de repente veio o vento e o fogo morreu. Tudo ficou em cinza, e Adão sentiu-se arruinado, talvez que ele não soubesse criar fogo de novo, e é nesta altura que Eva junta um molhe de folhas secas, e o incitou a nova experiência. Tudo recomeçou e Adão sentiu-se triunfante porque também ele podia criar.

Um dia que Adão regressava da caça e em que uma posta esquecida ficou ao lado do lume, um saboroso cheiro inundou a cabana. Eva pegou na carne e pô-la sobre as brasas, o aroma era delicioso e os dentes não souberam resistir à experiência de provar aquela carne, uma nova Etapa estava vencida.

Eva como mulher, embora conscientemente o desconhecesse e fizesse apenas por

instinto, dedicou-se a furar as peles e a cosê-las com algas.

Adão não compreendia e com um gesto animalesco derruba-a e calca-a pois considera que isto não dará mais força à sua força.

Ele sente ciúme quando descobre um pequeno animal que Eva acarinha; Eva defende-o, brotando o primeiro sentimento de caridade sobre a Terra; surgiu assim a domesticação do animal.

Eva cultiva pela primeira vez. Ela quer ter o prazer de ver a sua caverna rodeada de altas ervas que exalam um aroma agradável.

Mais tarde nasceu Abel, e tudo no Paraíso ia ficando mais calmo, as rochas já não se desagregavam tão facilmente, e os rios permaneciam límpidos. A Natureza parecia aceitar a supremacia humana. O homem aprendia a dominar a floresta, o vento, o mar, e a terra torna-se mole e húmida, e a fome deixa de existir.

A caverna de Adão está organizada. Eva dedica-se à preparação do alimento e do arranjo das peles, Adão trabalha na sua oficina com os paus e as pedras para a caça, e Abel dorme aquecido pelo fogo.

A humanidade começa a crescer.

Eça de Queirós acaba aqui o início da vida do homem e dá a sua opinião acerca dessa mesma vida. Ele diz-nos que a criação continua cada manhã, cada homem tenta ser o mais perfeito e mais racional. No entanto ele não sabe se será necessário atingir esse auge de perfeição, pois que houve muitos homens que ficaram a viver nas árvores e a sua vida era doce.

Ele compara o homem ao orango, e enquanto este leva uma vida calma na floresta, o homem sofreu por ser racional e por ter alma. No entanto, uma vez que a possuímos tentemos torná-la grande e que ela continue a reinar sobre a criação e sejamos capazes de amar tudo aquilo que nos cerca.

III

POR
OLINDA DA SILVA RIBEIRO
(1.º Ano geral)

A Terra, a agitada e incansável Terra, começou a existir desde que se fez a luz a 23 de Outubro. No dia 28, mandou-lhe Deus um novo ser, o maior de todos os seres, Adão, o pai dos Homens.

Este, apareceu numa vasta floresta, revestida de árvores de várias espécies e animais de raças diferentes e horrendas. Descendo de um ramo que pendia de uma árvore, veio ter à Terra. Com inquietação lançou o primeiro passo. Forte e atemorizado do primeiro passo dado, pensou na diferença que tinha dos outros animais. Era horrendo, um pêlo tosco cobria todo o seu rude corpo.

Caminhando custosamente dirigiu-se para o paraíso, ora balançando-se numa rija liana, ora comendo raízes tenras e sumarentas. Adão vai compreendendo as imagens que o rodeiam e ao mesmo tempo, sentindo um terror e furor, neste terror nasceu a primeira luta do homem com a Natureza. Enfim Adão penetra na floresta obscura e contempla com pasmo o deslumbramento em que o envolve o Eden. De repente um enorme pássaro passou em seu redor e pegando com as garras um monte de ervas secas e ramos começou a construir um abrigo, mas Adão não compreendeu.

Continuando a sua longa caminhada dava nomes a todos os animais e plantas, grunhindo algumas irreconhecíveis palavras como: Eheu! Eheu! e Lhâ! Lhâ!

Todos os animais gozavam a frescura da sera. Mas o que mais prende a atenção de Adão são dois esquilos pousados sobre um tronco que corria sobre a água límpida e fresca. Adão curioso corria acompanhando-os e assim, chegou ao mar. Aterrorizado fugiu para três pinheiros que existiam perto. De repente, o mar agita-se e transporta nas suas águas um enorme monstro, o mais horrendo animal concebido por Deus.

Adão no cimo da árvore treme abanando os seus ramos, mas, novamente o mar se agita e aparece outro, os dois lutaram até um deles vir para terra, jorrando sangue. Adão desce do pinheiro e aproxima-se dele. Vendo-o morto lança-se sobre as suas escamas, arranca um bocado de febra e come-a a rugir sentindo o gozo e o medo da primeira carne comida.

Chegando à floresta, Adão adormeceu sob uma árvore. Então em volta dele toda a espécie de animais se juntou para tentar saboreá-lo mas nenhum avançava porque perto dele estava um ser magnífico que o guardava com as asas fechadas e uma espada de lume na mão, e vivia.

Adão acordou e pasmou olhando um novo ser muito parecido com ele, mas, mais suave: era Eva.

A partir desse dia a vida correu-lhes mal, passavam fome e sede, e eram sacudidos pela terra que se agitava. Adão e Eva eram perseguidos por muitos animais,

e, juntos, não valiam nada contra eles. Apenas um animal lhes era simpático, o mastodonte. Certo dia, Adão e Eva andavam pela floresta quando se lhes deparou um enorme urso que ergueu as suas garras contra eles. Então, Adão sem intenção, arrancou um galho que atirou contra o urso, o galho atravessou-lhe o coração e ele caiu no chão como um fardo fazendo tremer a terra. Desde este momento Adão e Eva começaram a apanhar paus e a caçar.

Depois descobriu o martelo. Numa tarde percorrendo a colina descobre uma pedra negra, e, apertando-a contra o peito, levou-a para a caverna. Lá, bateu-a contra outra (para arranjar lascas para cortar a comida) e saltou uma faísca, novamente as bate e novamente a faísca ressalta; então, Adão repetindo perto do seu leito de feno seco, a faísca fez com que o feno ardesse e ao fim de algum tempo todo o feno continha fogo, e os nossos pais aterrorizados fugiram para fora da caverna. Mas as chamas morreram, os nossos pais repetem a cena junto de outro monte de feno e de novo o fogo alastra.

Depois disto, é Eva que todos os dias cuida do lume que espanta todos os animais e lhes permite maior segurança. Num certo dia Adão regressa da caça cansado. Corta os animais em postas, e

guarda-as num buraco existente na parede. Uma destas postas caiu na fogueira. O fogo beija-a, e alastra sobre ela, até que um saboroso cheiro chega às narinas da nossa mãe que encaminhada por ele vai à fogueira, onde vê a carne.

Pegando nela dá-lhe uma enorme dentada, e um saboroso gosto, que dá a provar também a Adão, eles sentem, e assim passam a comer carne assada. Mas outras coisas aconteceram. Uma manhã chegando Adão à sua caverna encontra Eva com um cãozito no regaço. Tenta arrebatá-lo mas Eva defende-o, e o cãozito lambe-lhe as mãos. Adão comovido passa-lhe as mãos pelo dorso, e assim domesticam o primeiro animal.

Enquanto Adão andava na caça Eva apanhava raízes, sementes, etc.

Ora, certo dia, um punhado dessas sementes fugiu-lhe da mão e meteu-se na terra como se tivesse medo do nada. Dessas sementes brotou uma ponta verde, depois o caule, em seguida as folhas, depois a espiga e assim nasceu a seara. Num belo dia Abel nasceu e com ele a paz. A terra já não era tão agitada, os pteroráctilos já raramente se encontravam. Adão, Eva e Abel estavam tranquilos e felizes na sua caverna que lhes parecia um palácio, nesta Terra de Felicidade.

IIII

POR
LUÍSA MARIA GOMES PEREIRA

(1.º Ano geral)

Foi no dia 28 que um ser diferente dos outros que então havia desceu de uma árvore e no solo compreendeu que existia. Era ele peludo e focinhudo, com umas grandes orelhas e com a face vincada de rugas. Uma madeixa ruiva caía na sua face. Mas neste aspecto horrível existia uma beleza que era o poder do Mundo e o seu poder — a inteligência.

E em toda a floresta tudo era belo, fresco e Adão deliciosamente e tristemente gozava os encantos. Mas no seu crânio peludo e vincado de rugas existia um não sei quê... uma turbação. Sim, era a forma com que todas as coisas se figuravam. Uma coisa esquisita vai-se apoderando de Adão! — o medo. O medo da Natureza, uma luta entre o homem e Ela.

No espaço toda a Natureza cresce e um encanto em cada ser surge como um sorriso. Um sorriso que parece ser despertado por um raio de sol brincalhão.

Um pássaro cruza o céu azul e numa árvore vai pousar. Pouco a pouco constrói uma cabana com tecto, janela e chão. Adão observava tudo isto mas nada compreendeu. Depois caminhou para o rio e o cheiro com que tudo se apresenta faz com que ele tenha apetite. A certa altura ouve vozes de bichos que lutam entre si. No seu ouvido o som entra como eco e Adão começa a falar. Palavras esquisitas como devem imaginar, mas falou! Uma fala talvez como a dos bebés. No mar tudo se povoa e Adão está metido na sua árvore. Agora sobe e mete-se escondido na copa. Porquê, Adão?! Porquê?! Ah! as águas mexem-se e dela sai um monstro

com a cauda dentada e cada rabeio levanta uma tempestade. Mas este horrendo bicho está à frente de Adão! Do outro lado aparece outro bicho. Que horror! Tinha uma majestosíssima cabeça que terminava em bico de ave muito agudo com um pescoço esguio e todo ele é dotado de grande elegância. Dois corvos passam no ar. Os dois bichos encontram-se e com os olhos a chispar de ira começaram um combate.

Adão na sua árvore tem curiosidade de ver o que se passa e amedrontado vai de árvore em árvore. De repente olha para baixo e das ervas frescas e verdes vê ervas pisadas e vermelhas e lá deitado vê um dos bichos. Adão aproxima-se e vê que a carne rosada estava no chão. Um apetite vem-lhe e aquela carne e aquele sangue fazem-lhe vir um desejo. Então prova o sangue e a gordura. O espanto de um sabor desconhecido deslumbra-o, ele que se alimentou de ervas e de frutas. Prova um pedaço de carne e de novo fica espantado. Depois de tanto correr sente uma sede. Dirige-se a uma riba lodosa onde bebeu consoladamente. E numa manhã quando Adão acordou viu diante dos seus olhos — oh maravilha! — uma coma ruiva, rolava em espessas ondas até às suas ancas com uns braços peludinhos. Era ela — Eva, a Mãe venerável. Adão e Eva passavam os seus dias sempre agitados a fugir e a ganhar. Sim, porque a Terra ainda não era uma obra perfeita. E no meio de tantos perigos era necessário comer. Mas já Adão e Eva tinham provado as delícias fatais da carne. Não encontravam sabor nos frutos, nas

raízes e nos bagos suculentos. Eles passaram muitos dias de jejum. E quando um dia iam pela floresta eis que lhes aparece um urso, com a enorme boca aberta, com os dentes e garras afiadas preparava-se para os atacar. Adão para se defender e defender Eva, pega num pau e crava-o no coração da fera. E um poder — a Inteligência começa mais uma vez a funcionar e pegando em paus muito agudos guardou-os como um instrumento de salvação da fome e de todos os perigos da floresta virgem. De novo a face de Adão brilha e pegando numa pedra bate-a na rocha, apanha uma lasca e eis que surge o martelo. Vendo Adão o sílex logo pensa dele fazer também um martelo e atira-o para uma rocha e... oh! Que encanto! Em lugar de saírem lascas saíram faíscas de lume vivo. Na sua cabana Adão torna a experimentar a maravilhosa pedra e de novo surge uma faísca que ilumina a cara de Eva e os seus cabelos ruivos. Mas os fetos verdes e graciosos que ali se encontravam começaram a arder e Adão e Eva assustados fogem da caverna. Como tudo acaba o fogo também acabou e aborrecido Adão recolhe para o seu canto da caverna. Eva sossega-o e pega noutro montão de fetos secos, e batendo o sílex redondo surge outra faísca, e o fogo de novo recomeça. Foi Eva que deu origem ao lar, família e tribo porque numa manhã ela ouviu o mexer das folhas. Era uma serpente que se dirigia a Eva e lhe dissera:

«Come a maçã».

Depois de longos e longos dias Adão volta ao seu buraco carregado com presas.

Eva tira-lhes a pele e guarda os ossos porque as suas pontas agudas dão para cozer. Ora, certo dia, Eva que guardava a carne esquece um bocado à beira da fogueira e o lume começa a derreter a gordura. Um cheiro enche toda a caverna. Eva vendo que o aroma vinha da carne arrasta-a para a chama mais viva e espera que esta fique pronta. Depois espeta-a com uma ponta de um osso e a retira da chama. Trinca-a e com a face a resplandecer faz-nos notar outra conquista. Com pressa vai mostrar a Adão, que a devora com fortes dentadas quase sôfrego. Depois de uma cesta Eva recolhe à cabana e pegando em duas peles e num ossinho agudo sobrepõe-nas e faz o primeiro agasalho, com que Adão à primeira vista não parece concordar. O primeiro sentimento de caridade apareceu quando Eva colheu um cachorrinho que estava perdido à beira de uma fonte. E deste sentimento surge o domesticação dos animais. Numa manhã em que o cheiro e a frescura das violetas enchiam a floresta Eva vê como uma espiga nasce e enterrando um grão faz com que a seara nasça. Adão e Eva tal como a Natureza tiveram um filho chamado Abel. Adão tentou fazer as primeiras pinturas das suas caçadas na caverna, talvez para a embelezar!

Eva por sua vez como mulher interessou-se muito pela caverna não se metendo nos assuntos do marido.

E assim nesta basta Natureza cheia de encantos e mistérios continua o Mundo começado por Adão e acabado por... gente que virá!

Directamente de...

Reportagem
de
César Monteverde

O intercâmbio cultural de estabelecimentos de ensino é sempre útil e proveitoso, e, portanto fonte de contactos, comparações e estritar de relações de amizade. Desta vez foi o Liceu de Famalicão que trouxe até nós, Liceu Nacional de Barcelos, o seu Grupo Coral.

Esta vinda dos colegas de Famalicão efectuou-se em fins de Maio e teve como cenário o Monte da Franqueira, local bastante aprazível e de uma beleza natural paradisíaca. Os alunos dos dois estabelecimentos de ensino saíram cerca das 17 horas do Liceu de Barcelos, tendo-se dirigido em duas camionetas até ao referido local. E nós, que íamos a acompanhar a parte feminina de Famalicão, pudemos logo testemunhar quanto ficou deslumbrada e estupfacta com o maravilhoso da paisagem. Pena é que as potencialidades naturais não sejam melhor aproveitadas e não se lancem estruturas fundamentais para o desenvolvimento turístico da zona. A vinda da embaixada famalicense, desde logo levantou um problema de aparente dificuldade. Como devem saber, os alunos do Liceu de Barcelos, este ano, não tiveram grupo coral. Este facto deve-se à incompatibilidade de horas e à não inclusão do grupo coral nas actividades circun-escolares. Mas este problema logo se resolveu com toda a boa vontade dos alunos e professores de música. Conseguiu-se reunir um grupo de raparigas e rapazes mais ou menos homogéneo, e, mãos à obra que isto é mesmo a valer.

O programa constava da actuação dos dois grupos corais que se realizou numa improvisada sala de espectáculos. A primeira actuação coube ao Coral de Famalicão

que sob a regência da Professora Maria do Carmo (por sinal bastante simpática e descontraída), actuou muito certinho e cenido. É certo que as canções interpretadas não eram de grande dificuldade. Podemos compará-las, salvo uma ou outra excepção, ao «dó ré mi» da música. Mas a qualidade de exibição, essa sim, essa foi impecável e harmoniosa. Para fixar «La Ma Sou Ma You».

Actuou em seguida, o Coral do Liceu Nacional de Barcelos. A expectativa era grande e a responsabilidade também. Sob a batuta do Professor Padre Zé Carvalho, grande entusiasta das lides corais, o Coral do Liceu actuou em nível satisfatório. Não se podia exigir mais a indivíduos com cerca de quinze dias de ensaios e dada a dificuldade das obras apresentadas. E não nos podemos esquecer daquelas interpretações inesquecíveis do Orfeon nas récitas do Liceu onde sob a direcção do referido professor, os alunos cantavam como se fossem «bambinos de Viena». Para fixar «Alfabeto» de Mozart e Espiritual Negro.

Como complemento da festa, ainda actuou um conjunto musical. «Os Computers» formado por estudantes do Liceu de Barcelos bastante jovens que também agradou. E as numerosas palmas ouvidas deverão servir de estímulo para o seguir em frente destes bravos rapazes e raparigas.

Finalmente houve um lanche preparado, pelas alunas que decorreu em tom amigável e de franco convívio. Depois foi a abalada até Barcelos com cantares e manifestações entusiásticas, reveladores da boa disposição e alegria.

C. M.

UM IDEAL

P O R

Rosa Costa

(1.º Ano Complementar)

Fala-se hoje muito em ideal.

Ter um ideal, aspirar a um ideal, trabalhar por um ideal, são frases que andam na boca de toda a gente.

Construir um plano levantado de vida e esforçar-se por executá-lo; sentir a aspiração da altura e tentar satisfazê-la; marcar um alvo e caminhar para ele, contra tudo e apesar de tudo; acalentar um sonho e procurar realizá-lo, eis o que em sentido vulgar, significa ter um ideal.

Raros serão aqueles que não tenham posto alguma vez diante dos olhos esse plano cheio de vida, sentido essa aspiração, marcado esse alvo, acalentado esse sonho.

O artista aspira a ver consagrada a sua arte, o homem público a conquistar a admiração dos seus cidadãos, o negociante a prosperar nos negócios, o soldado a vencer no combate.

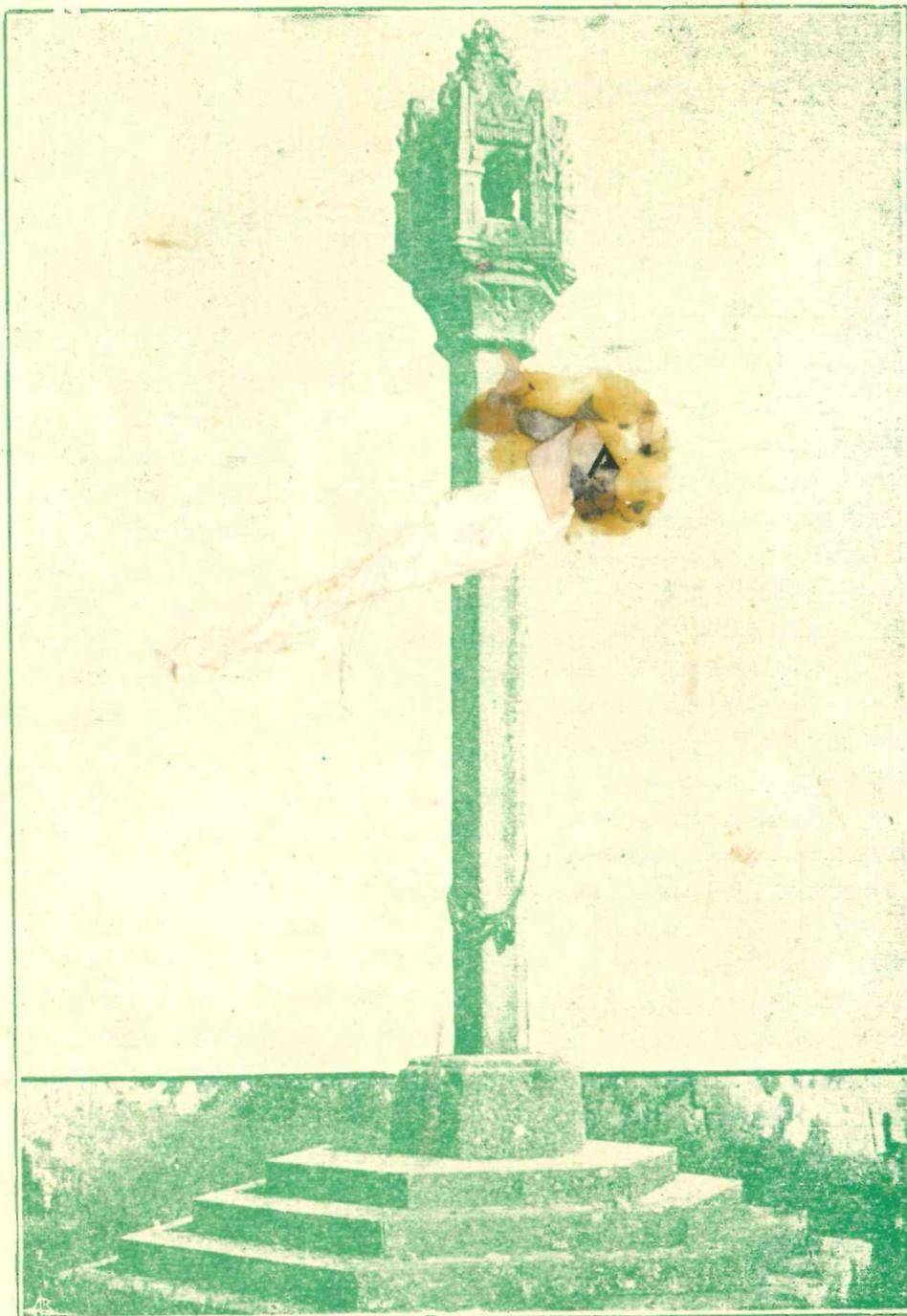
Todos têm um ideal, embora cada um o conceba a seu modo.

Disse alguém que a nossa vida deve ser a realização de um pensamento da mocidade; quer dizer: o ideal que tivermos sonhado nos dias da nossa juventude ficará a iluminar todo o resto da nossa vida.

Na história dos grandes homens é bem manifesta a influência do ideal. Uns porque se apaixonaram pela pátria, aceitaram generosamente todos os sacrifícios para servi-la; outros por amor da ciência renunciaram a prazeres e comodidades; outros ainda, totalmente dedicados ao exercício da sua profissão, para ela viveram, a ela consagraram todo o seu tempo e todos os seus esforços.

Mas estes ideais humanos, por muito nobres que sejam, não ultrapassam os limites da terra; fixam-se num objecto temporal, destinado a desaparecer um dia, quando menos se espera.

CÂMARA MUNICIPAL DE BARCELOS
COMISSÃO MUNICIPAL DE TURISMO



PELOURINHO